

Estado de abandono

Paulo Pestana

OF- *Cultura*

A vocação de dasipodídeo do governo Roriz, que só investe no subterrâneo da cidade, fez com que os espaços culturais da cidade sofressem um processo de demolição espontânea. Semana passada em Brasília, o ex-governador José Aparecido verificou o estado de alguns prédios públicos destinados à área cultural e não escondeu a decepção.

A situação parece estar mudando neste finzinho de governo. O Ministério da Cultura já autorizou o início das obras de recuperação da Sala Funarte, um dos espaços mais importantes da cidade, onde foram realizados shows memoráveis de artistas independentes.

Também deve começar, em três meses, as obras de recuperação do prédio do Museu de Arte Contemporânea, que até hoje, segundo acreditam os políticos mais supersticiosos, viveu sobre a maldição de uma pajelança dos índios inconformados por não verem naquele prédio um museu indígena, como tinha sido projetado por Oscar Niemeyer.

Mas ainda falta um bocado. A Casa do Teatro Amador, próxima à Sala Funarte, é provavelmente o mais gritante dos casos. Por defeito na construção, surgiram poucos meses depois da inauguração rachaduras por todo lado.

Espaços como o da 508 Sul ainda não foram totalmente aparelhados e funcionam mais pela boa vontade dos funcionários que buscaram alternativas do que por uma ação do governo.

É exemplar o caso do Clube do Choro, impedido de funcio-

nar por causa dos meandros burocráticos, da papelada e da falta de planejamento da cultura oficial. Ao mesmo tempo que há rapidez na assinatura de um papel concedendo benefícios e autorizações de viagens a funcionários da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural, há morosidade numa simples transferência de prédios já autorizada.

O maior problema é que a Fundação Cultural não tem sequer idéia do que fazer com seus espaços. Os funcionários ficam sentados em seus gabinetes com ar refrigerado, esperando para ver se algum produtor aparece com alguma coisa. É por isso que a pauta da Sala Villa-Lobos está sempre cheia e os outros locais vazios.

O governo cava seus buracos e leva a cultura lá para baixo. Existe a previsão de se transformar cada estação do Metrô num pequeno centro cultural, mas, se for do jeito que o resto vem sendo gerido, teremos mais vazios na cidade. O aparelho cultural da cidade não está sendo usado, apesar de todos os poderes que a Fundação Cultural tem até de procurar parcerias, se não quiser terceirizar os espaços.

O mesmo acontece com os organismos sob controle da Fundação, como as orquestras. A Orquestra Jovem parece ter sido completamente esquecida pela atual gestão.

O pior é que o descaso parece que vai continuar no próximo governo já que nenhum candidato — nem mesmo o do PT, que já fez até uma caravana cultural — sabe bem o que fazer com a cultura desta cidade.